

## TERCEIRO DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO

### TERCEIRO DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO

#### A situação exterior

#### A conferência de 24 de Setembro de 1944

##### Introdução

##### I. Espírito de comunidade

##### II. Espírito de fundador

##### III. Espírito de dirigente

##### IV. Espírito de instrumento

#### A conferência de 18 de Outubro de 1944

#### Conferência de 8 de Dezembro de 1944

### **A situação exterior**

1. No domingo, 24 de Setembro de 1944, festa de Nossa Senhora do Resgate dos Cativos, realizou-se, à noite, a consagração do «círculo da mão». Foi um acto cheio de significado. O tempo estava muito chuvoso. A cair da noite, chovia torrencialmente. Mas precisamente no momento em que nos reunimos lá fora (não havia outra possibilidade), parou do chover, apesar de o céu estar coberto de nuvens escuras. Pelas 7,30 estávamos de pé, perto do bloco 30, e escutávamos, cheios de expectativa, as palavras do Padre Kentenich.

### **A conferência de 24 de Setembro de 1944**

#### **Introdução**

2. a. Vivemos num tempo de conspirações e de comunidades conspiradoras. Esta noite, também nós constituímos uma comunidade de conspiradores.

3. b. Comparamo-nos com Santo Inácio de Loyola, quando reuniu os seus discípulos. Será uma comparação atrevida? Não! Deve animar-nos a fé viva na Providência. A nossa Obra já está fundada. Mas provavelmente é intenção da Providência dar-lhe mais amplitude sobrenatural.

4. c. Reunimo-nos para a consagração, hoje, na festa de «Maria do Resgate dos Cativos». Naquela altura surgiram comunidades para o resgate dos cativos em prisões exteriores. Nós reunimo-nos como comunidade de prisioneiros para resgatar os prisioneiros da sua prisão interior.

Desenvolvimento

5. Hoje, é dia de consagração. Dias de consagração são dias que marcam o destino, porque são dias decisivos. Vozes de consagração são vozes do destino. (Os dois aspectos perpassam as diferentes partes da conferência.) Decidimo-nos de novo pelo espírito de comunidade, pelo espírito de fundador, pelo espírito de dirigente e pelo espírito de instrumento.

#### **I. Espírito de comunidade**

6. raiz do nosso espírito de comunidade é a fé em que Nossa Senhora escolheu Schoenstatt como lugar da sua actuação, para ali formar santos da vida diária e instrumentos que a ajudem a realizar este objectivo... A experiência que fizemos no decorrer dos anos mostra-nos que, quando encontramos a Mater ter Admirabilis, também temos comunidade. A nossa fé na Providência diz-nos que não nos juntámos por acaso. A nossa comunidade não deve ser só uma comunidade de ideias, mas também uma comunidade de vida. Por isso, hoje à noite, com a consagração, temos que assumir decidir-nos por uma responsabilidade mútua. Estamos ligados uns aos outros por toda a vida. O facto de nos termos reunido em Dachau não deve permanecer apenas uma recordação, não, deve continuar para além de Dachau.

#### **II. Espírito de fundador**

7. A ideia do espírito de fundação atravessa inteiramente a oração de consagração. – A ideia de fundação é exigente. Cada um de nós, um fundador, cada um, um pai de um grande povo – como Abraão.

- Como os profetas, quereríamos dizer: a nossa língua é pesada.
- Sabemos por experiência que ainda estamos longe de ter alcançado a maturidade.
- As dificuldades que se levantam contra nós são demasiado grandes.

O espírito de fundação supera todos os obstáculos. Recordamos os congregados heróis. Eram, com certeza, limitados, imaturos e encontravam-se diante de grandes dificuldades. E, no entanto, tornaram-se semente de uma grande colheita. Não podemos contar com grandes sucessos dos nossos esforços, aqui e lá fora, mas apesar disso temos que tentar reconhecer e realizar a vontade de Deus. Espírito de fundador é espírito de responsabilidade e espírito de sacrifício.

### III. Espírito de dirigente

8. O dirigente deve

- estar concentrado numa única grande ideia e deixar-se abrasar por ela,
- consumir-se totalmente pelos seus seguidores,
- ter um enraizamento fora do comum no mundo que deve anunciar.

### IV. Espírito de instrumento

9. A este respeito não foram dadas indicações. Durante os meses anteriores tinha-se falado e pensado muito sobre este tema. – Depois seguimos – interiormente preparados – para a nossa capela do campo. Cada um ajoelhou-se e rezou em silêncio. Estávamos quase todos perto do altar. Oferecemo-nos como instrumentos à Mater ter Admirabilis

*Et si utere nobis, Mater ter admirabilis, instrumentis bene paratis, ut pátria nostra et omnes gentes et nationes subdentur tuo suavi Schoenstattensi império ad infinitam Christi et Dei trini uniusque gloriam.*

Tinha passado uma hora muito importante. Tínhamo-nos consagrado como pequena comunidade à nossa Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Entre nós havia alemães ocidentais, alemães orientais, polacos, checos, portanto representantes de diferentes nações. Tinha, então, sido criada a base para a «Internacional». Enviámos para Schoenstatt a nossa consagração, assinada por todos.

### A conferência de 18 de Outubro de 1944

1. Reunimo-nos outra vez aqui, como no dia 24 de Setembro. Mais uma vez chuva. Ela pode implicar prejuízo ou fecundidade. E, assim, pode ser para nós símbolo de todos os poderes anti divinos com os quais estamos em luta, e símbolo da nossa própria fecundidade.

2. Qual é o objectivo da nossa reunião?

1. Em primeiro lugar queremos renovar a nossa consagração de 24 de Setembro. Não é supérfluo fazê-lo. Mesmo que uma consagração seja feita com autenticidade e sinceridade, a nossa vontade é muitas vezes vencida pelo espírito de inércia e deixa-se paralisar pelo cansaço e pelo desânimo. A renovação quer orientar de novo a nossa vontade para o seu objectivo, e dar-lhe sempre de novo o antigo vigor e força de penetração. Cada movimento deste tipo da nossa vontade é sempre também um movimento de graça. Portanto, esta renovação é, ao mesmo tempo, também uma hora de graças, tanto mais que tem uma importância particular e nos foi inspirada pela Providência Divina.

2. No dia 24 de Setembro já consagrámos à Mater ter Admirabilis de Schoenstatt todas as nações aqui representadas. Elegemo-la como Rainha. Já então demos à nossa Obra de Schoenstatt uma nova base internacional. Esta evolução vai receber hoje a sua confirmação definitiva. Queremos fundar hoje e aqui uma «Catholica». Todos estão representados.

3. Até agora, tratava-se de uma Obra limitada. Agora, a Obra rompe este quadro e torna-se internacional. É este o último passo do desenvolvimento, tal como já estava anunciado no primeiro Documento de Fundação: «para a nossa casa, para toda a província e talvez para mais além». Agora verificam-se todas as condições para tal. Deus fala através das circunstâncias. Por isso, hoje é um dia memorável, à semelhança do que aconteceu em 1914 em Schoenstatt e em 1919 em Hoerde. Chegámos ao fim de um desenvolvimento de 25 anos. Começa uma nova etapa da história.

4. Chegámos ao fim de ainda mais uma etapa. A nossa Obra de Schoenstatt realiza agora, definitivamente, os seus fins com a comunidade que lhe foi destinada por Deus como *pars centralis et motrix*. Só poucos

aqui compreenderão o alcance deste facto. Estão aqui representantes da Província de Limburg, a maior da Sociedade. A sua direcção, provida da respectiva autoridade, aceita na totalidade a nossa Obra, numa unidade como nunca se tinha verificado antes. Já em 1928, por ocasião da inauguração da nova casa descrevi o relacionamento entre as duas usando a imagem das núpcias. Não sei se então o designei como núpcias ou como noivado. Se foi núpcias, devo hoje corrigir-me. Em 1914 e em 1919 as duas conheceram-se pela primeira vez, em 1928 realizou-se o noivado e hoje, aqui, as núpcias definitivas. Estas também encerram o período dos 25 anos passados. A nossa obra de Schoenstatt forma, a partir de agora, uma unidade indissolúvel com a Sociedade na sua nova forma, isto é, na sua forma originária. Realiza-se assim a imagem que o seu fundador tinha então a seu respeito.

5. Ao contemplar esta evolução, vir-nos-ão à memória as palavras do apóstolo: «Não ardiam os nossos corações quando nos falava e nos explicava a Escritura?» Deixemos que nos seja explicada também a escritura deste tempo que passou.

Quando Moisés foi chamado por Deus para assumir a sua missão, desculpou-se, consciente da sua fraqueza: «A minha língua é pesada e não sei falar» de maneira semelhante a tantos profetas: «Ah, ah, ah, Senhor!» Não obstante a sua fraqueza, o Senhor chamou-os. Tivemos sempre como princípio não hesitar nem vacilar quando o Senhor chamava. A partir do momento em que reconhecíamos claramente que se tratava da vontade de Deus, aderíamos sempre, sem reservas, sem ter em conta a nossa própria fraqueza. Tudo surgiu a partir de um início pequeno e pobre. Os instrumentos eram fracos, uma sociedade obscura, rapazinhos miúdos dispersos pela guerra, segundo o testemunho da placa comemorativa muito entulho e madeira à deriva, eram poucos os que carregavam tudo, e o mesmo aconteceu também em Hoerde em 1919. E agora também, só poucos; sentimo-nos impotentes perante a missão. A província também, agora, no momento das núpcias, um monte de ruínas, totalmente destruída, exteriormente no ponto mais baixo do seu desenvolvimento, quase perante a destruição. E agora estas novas tarefas de dimensão universal! Na verdade, portadores e instrumentos fracos! Por outro lado, sempre em luta: Luta com os alunos no começo! Luta com a casa, com a sociedade, com a Igreja, os bispos e, por último, aqui. – A palavra de Ludendorff – e, apesar de tudo, êxito! –

É este o sinal das obras de Deus! O mesmo acontece na Igreja, o mesmo em toda a parte. Apesar de todas as dificuldades e fraquezas aqui e hoje opera manifestamente o dedo de Deus.

6. É este o símbolo da nossa missão e tarefa. A cruz e o lábaro revelam o conteúdo e a dimensão universal da nossa missão. Um ideia universal, imperial! A mão que envolve o lábaro: o instrumento!

As nossas mãos são impuras – são purificadas pelo contacto com o lábaro, a cruz, a missão;

- mãos fracas – tornam-se fortes – como as de Anteu;
- mãos frias – têm que assumir o calor do amor;
- mãos que receiam o sacrifício – apesar da boa vontade! Têm que se tornar fortes para o sacrifício;
- mãos estreitas – têm que se abrir à dimensão do mundo;

Schoenstatt, o nosso mundo, o mundo inteiro deve tornar-se Schoenstatt. Ao serviço da Mater ter Admirabilis e Rainha dos Apóstolos. A nossa Obra é totalmente mariana. Mas Maria une-nos por inteiro à Santíssima Trindade.

7. Aditamento: «Como retribuição queremos pedir para a nossa causa grandes graças de oração, sim, muitas graças de contemplação. Não necessariamente para todos nós, mas para aqueles de entre nós que são chamados à direcção. Porque a nossa Obra de Schoenstatt não pode realizar a sua vocação se um bom número dos seus membros não alcançar esta graça da contemplação.»

## **Conferência de 8 de Dezembro de 1944**

1. Espontaneamente comparamos as circunstâncias da nossa celebração de hoje com as do passado dia 18 de Outubro. Quantas semelhanças de um lado e de outro: então como hoje, o mesmo lugar ... um pequeno grupo ... o mesmo tempo chuvoso, tempestade ... a mesma insegurança e o mesmo perigo exteriores. Então como hoje, a mesma consagração ... só com uma pequena diferença: Estamos habituados a considerar as nossas consagrações como uma inserção no Acto de Fundação de 1914. Nos últimos tempos falamos de três Documentos de Fundação. Vemos a base que foi colocada em grandes linhas em 1914, mas desenvolvida pelo Segundo Documento de Fundação, para se completar com o Terceiro Documento de Fundação de 1944. Por isso não os deve surpreender o facto de eu afirmar: A consagração de hoje quer ser formal e directamente considerada como inserção no Acto de Fundação de 1914. Quer dizer que através dela nos vinculamos ao primeiro Documento, mas abraçando conscientemente o nível que se revelou em Outubro de 1944. É o que significam as duas datas gravas na nossa medalha: 14 e 44. A tendência para a

amplitude que já vivia há muito funcionalmente na Família encontrou em 1944 uma forma concreta, conscientemente visada e vivida, tornou-se uma tarefa claramente reconhecida. A semente lançada à terra em 1914 em Schoenstatt, amadureceu num processo lento e orgânico até se tornar uma grande árvore. O que Jesus diz do grão de mostarda e do fermento também se aplica à nossa Família.

2. Hoje, esta árvore produz um rebento novo e fecundo, o nosso círculo. Identifica-se em tudo com a árvore da qual brotou. Por isso acolhe conscientemente, com o mesmo ardor que inspirou a consagração de Outubro, o universalismo e eleva-o a um programa de vida claramente reconhecido e assumido como objectivo. Sim, vai ainda mais além: Amplia o universalismo em todos os sentidos: em profundidade, em altura, em longitude e em latitude, como mostra claramente um olhar lançado ao símbolo escolhido. Vicente Pallotti falaria aqui de infinitismo. Queremos apropriar-nos da sua expressão mas entendemos por infinitismo o mencionado universalismo.

Esperam de mim que interprete e dê forma ao que neste momento específico vive nas suas almas e quer encontrar uma expressão concreta. Não é uma tarefa difícil. Só preciso de descrever com clareza o que o vosso símbolo me diz de maneira evidente. Diz-me uma palavra acerca da tarefa original que hoje assumis solenemente e, uma segunda palavra acerca da graça original que hoje vos é oferecida também solenemente como dom. Sentis logo como vive em mim a antiga maneira de pensar que vê em cada consagração uma renovação adequada da tarefa de fundação e do dom de fundação. A expressão familiar: o que herdaste dos teus antepassados, conquista-o, para o possuíres quer assumir, com cada consagração, uma forma renovada e mais profunda. Não obstante toda a nossa flexibilidade e adaptabilidade desejada por Deus às circunstâncias, continuamos conservadores e vinculados à tradição.

O nosso símbolo representa de maneira sugestiva a nossa tarefa como universalismos ou infinitismo em profundidade, em altura, em latitude e em longitude.

- O coração de Nossa Senhora e de Jesus está nitidamente em primeiro plano e no centro. É assim que interpreto também o facto de o coração estar gravado na cruz e no símbolo MTA. Os dois corações santíssimos querem repetir o seu pulsar no nosso coração, durante tanto tempo e tão profundamente até podermos dizer: Três corações e uma só pulsação. Não é por acaso que escolhemos precisamente o coração como símbolo do nosso carácter de instrumento e não a mão, como o fez o outro círculo. Queremos oferecer-nos e entregar-nos aos Mestres da Obra, a Jesus e a Nossa Senhora, não só segundo a vontade e a inteligência e a memória, mas sobretudo segundo o coração. Não nos contentamos com uma comunhão de vontades. O objectivo definido é mais elevado. Aspiramos a uma declarada comunhão de corações, a uma fusão perfeita de corações, à *Inscriptio perfecta cordis in cor*. Neste sentido, o coração aponta-nos para uma dupla profundidade: Simboliza para nós o sentimento, o inconsciente e o subconsciente. Queríamos desprender-nos de tal maneira de nós próprios, que também a nossa vida subconsciente se entregasse, sem reserva e incondicionalmente, como instrumento aos Mestres da Obra. É o que queremos dizer com as palavras: Três corações e uma só pulsação. Uma tal entrega de amor ou desprendimento não é possível sem uma predisposição positiva em relação à cruz e ao sofrimento, tal como se manifesta na *Inscriptio*. O universalismo, o infinitismo em profundidade, exige de nós um desprendimento total no espírito da *Inscriptio*. Todas as vezes que olharmos para o coração brota dos nossos lábios a prece: «Aceita, Senhor, pelas mãos da nossa querida Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt toda a minha liberdade. Aceita a minha memória, a minha inteligência, a minha inteira vontade, todo o meu coração. Tudo recebi de ti. Tudo te restituo sem reserva. Faz com eles o que quiseres ...»
- O coração também pode ser considerado como núcleo e centro da personalidade. Na nossa medalha, aponta explicitamente para a entrega perfeita de toda a nossa pessoa a Jesus e a Nossa Senhora no sentido da piedade do instrumento. Se o instrumento enquanto tal conhece um abandono de si e uma entrega, o instrumento perfeito, tal como está representado pelo símbolo do coração, aspira plenamente a um abandono e a uma entrega perfeitas. Podemos interpretar as palavras que o Documento de Fundação coloca na boca de Nossa Senhora de «Ego diligentes me diligo» como «Ego perfecte diligentes me perfecte diligo.»

3. O infinitismo em profundidade corresponde ao infinitismo na altura. O outro círculo de instrumento aspira, em virtude do seu símbolo, à realização plena do mistério da Redenção, e está por isso apegado com todo o amor a Jesus como grande Redentor do mundo e a Nossa Senhora como sua Colaboradora permanente em toda a Obra da Redenção. Uma entrega deste tipo inclui, pelo menos em germe, também a Santíssima Trindade. O nosso símbolo não se contenta com esta indicação. O que o outro círculo tem em vista implicitamente constitui para nós uma tarefa claramente reconhecida e à qual aspiramos ardentemente: o deixar-se possuir pelo mistério da Trindade. A mão vigorosamente aberta aponta explicitamente para o Pai, os sete raios que perpassam toda a criação recordam o Espírito Santo e os seus sete dons. O *Verbum Divinum Incarnatum* está representado de maneira evidente pela cruz; Nossa Senhora, como Mãe e Esposa

virginal e Colaboradora permanente do Deus-Homem e na sua relação com a Santíssima Trindade, está representada de maneira suficientemente visível pelo MTA. O verso da medalha designa-nos como «instrumentum Patris per Christum cum Matre ter Admirabilis in Spiritu Sancto ...»

Portanto não nos podemos contentar com o facto de se poder dizer de nós: três corações e uma só pulsação. Deve poder dizer-se de nós com razão: cinco corações e uma só pulsação. Não apenas o mistério da encarnação, mas também o mistério da Trindade tem que encontrar em nós um amor cálido e ser objecto do nosso zelo apostólico. Mesmo não fazendo nós uma promessa explícita neste sentido, a nossa pedagogia do ideal exige que nos consagremos a esta tarefa de dignidade divina com todas as forças até ao fim da nossa vida. É assim que queremos interpretar futuramente o grande mandamento: Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com todos os teus sentimentos e com todas as tuas forças. E todos os que conquistamos como apóstolos para o Reino de Deus devem tornar-se, por sua vez, como nós, apóstolos do mistério da Redenção e do mistério da Trindade, para que muito em breve haja «um só rebanho e um só pastor».

4. A nossa medalha não mostra só o globo terrestre, sobre o qual se eleva a cruz, não quer só conquistar-nos como instrumentos na mão de Nossa Senhora e da Santíssima Trindade «ad pacandum mundum», mas também nos mostra a lua e as estrelas como símbolo de toda a criação, que o apóstolo Paulo vê sofrendo dores de parto por causa do pecado original. Temos assim definido o objecto da nossa comunicação de amor. Do coração de S. Paulo dizia-se: «Cor Pauli cor mundi», quer dizer, o coração de Paulo abrange com o seu amor o mundo inteiro. O nosso símbolo exige de nós que tenhamos um coração de Maria, um coração de Cristo, um coração de Deus. Mas quanto mais não se pode dizer destes corações: Cor Mariae ... cor Jesu ... cor Dei est cor mundi. É bonito e meritório ultrapassarmos a estreiteza inata, cuidadosamente conservada e cultivada do nosso coração, da obsessão pelo nosso eu e do nosso egoísmo para que, como círculo, possamos constituir uma comunhão de vida o mais íntima possível, de maneira que se possa dizer de nós: Cor unum et anima una. Ainda vamos precisar de muito tempo até encarnarmos este alto ideal de uma comunhão total de amor, de vida e de tarefas. Mas com isso teremos apenas realizado uma pequeníssima parcela do nosso ideal. Temos que dirigir a nossa aspiração mais para o alto e mais para além. O nosso coração pertence a todas as pessoas, a todas as nações, qualquer que seja o seu nome e qualquer que seja a sua história. Mais: o mundo inteiro tem que ser submetido ao domínio da Santíssima Trindade. Abraçamos tudo do mesmo modo, as coisas grandes e as pequenas, e não descansamos enquanto o mundo inteiro não estiver submetido, em Cristo, ao Pai, até se ter realizado a palavra: Schoenstatt, o meu mundo, sim o mundo inteiro tem que se tornar Schoenstatt. Enquanto o outro círculo, de maneira geral, recebeu uma missão que se dirige respectivamente a cada uma das nações, nós acreditamos ser chamados para um apostolado pronunciadamente universal.

5. O infinitismo em profundidade, altura e latitude também conhece uma longitude correspondente. Não tem validade só para agora e aqui, mas também para amanhã e depois de amanhã, sim para toda a vida. E o que aqui na terra abraçámos com tudo o amor, ao que aspirámos e aquilo por que ansiámos, pode, quer e será, na medida do possível, por toda a eternidade, o objecto dos nossos cuidados. Santa Teresinha estava convencida de que haveria de poder continuar no céu a tarefa que tinha recebido na terra. Também em nós está viva a fé simples em que todos os falecidos da nossa Família não estão mortos e não se tornaram infecundos para nós e para a nossa Obra de vida comum, mas que do além actuam com a maior eficácia no sentido da nossa missão. É assim que compreendemos, à nossa maneira, a *communio sanctorum*. Humanamente pode ser-nos difícil já não ver nas nossas fileiras alguns dos pilares da nossa Família. As lacunas são cada vez mais e cada vez maiores. Quem sabe quantos instrumentos a Mãe de Deus não levará ainda para o além do Schoenstatt celestial! Aconteça o que acontecer: Suportamo-lo em silêncio e continuamos a viver num contacto vital com os nossos falecidos. Queremos lutar com eles numa sagrada competição pela entrega mais perfeita à Obra da Mater ter Admirabilis. Neste sentido, para nós eles não morreram. Seguem connosco nas nossas fileiras e nós seguimos com eles nas deles. Sim, pode até ter-se tornado agora mais fácil para nós manter-nos em contacto com eles do que o era no tempo em que ainda estavam no meio de nós... E se a sábia Providência de Deus nos enviar também a nós repentinamente o anjo da morte, para nos transplantar para o mundo do além, no qual Ele nos quer revelar os seus planos, esperamos poder continuar a actuar para Schoenstatt numa união ainda mais estreita do que aqui na terra com todos os nossos.

O nosso símbolo aponta assim de uma maneira incisiva para o infinitismo em todas as suas dimensões. Tudo o que queríamos e tudo ao que aspirávamos até agora quer agora ser abrangido pela nossa vontade da maneira mais perfeita e consciente. Queremos ser instrumentos perfeitos e como tais aspiramos a uma entrega perfeita e a uma comunicação perfeita, e esperamos assim também poder fazer valer exigências de amor perfeitas. Graças a Deus. O que seríamos e o que poderíamos sem estas exigências de amor! Comparando a nossa realidade actual com os nossos ideais, a nossa alma é tomada por um profundo desânimo. Como nos pesa a consciência da nossa múltipla estreiteza de coração! E no entanto, como este

pobre coração deveria ser grande! Deveria fazer seus todos os interesses de Deus. E o nosso desprendimento de nós nem chega ao ponto de reconhecermos e procurarmos com amor o bem do círculo mais estreito ao nosso redor. Como são raras as vezes em que rompemos a estreiteza das algemas que nos prendem ao nosso eu. Quase tudo o que fazemos e pensamos não ultrapassa o âmbito tão limitado do nosso pequeno eu. E agora deveríamos fazer destas quatro dimensões do infinitismo o nosso programa de vida. Se estivéssemos reduzidos unicamente a nós próprios, teríamos que desesperar. Graças a Deus. Nesta grande aflição, recordamos com fé que a consagração não só coloca sobre os nossos ombros tarefas de fundador, mas também põe graças de fundação em abundância ao nosso dispor. Vivemos e aspiramos na consciência de que a consagração é uma Aliança de Amor mútua. É assim que lemos no Documento de Fundação: ... diligentes me diligo ... Provai primeiro que me amais realmente, que levais a sério o vosso propósito ... então estabelecer-me-ei de bom grado entre vós e distribuirei dons e graças em abundância. – A nossa tarefa consiste em mostrar a Nossa Senhora que queremos amá-la, realmente, da maneira mais perfeita possível no sentido da consagração. Tudo o resto depois é com Ela. É como se Ela nos dissesse: Ego perfecte diligentes me perfecte diligo.

6. Para a nossa primeira geração fundadora, da certeza desta Aliança de Amor, nascia uma fé na missão inabalável, capaz de superar todos os obstáculos e uma consciência de vitória insuperável. Também nós estamos inseridos nesta corrente da missão. E como tudo assume grandes dimensões e tudo quer ser enraizado no universalismo e no infinitismo, podemos mesmo supor que nos serão concedidas graças de missão per eminentiam. Por isso ousamos dizer, cheios de confiança, com Jesus a palavra: «Aquele que me enviou não me deixa sozinho. Ele está sempre comigo porque eu faço sempre o que lhe agrada.» Quando a nossa própria fraqueza nos quer esmagar, e as nossas mãos cansadas ameaçam querer deixar baixar o estandarte, quando a nossa alma está árida e nos esforçamos em vão por trabalhar visivelmente como instrumentos, pode soerguer-nos sempre de novo a ideia: missus sum. Deus escolheu precisamente instrumentos fracos para que o poder, a grandeza e a glória dele e de Nossa Senhora apareçam e triunfem com maior evidência em toda a Obra. Não nos deixamos por isso desencorajar, não pela nossa própria impotência, fraqueza e limitação. Pelo contrário. Com S. Paulo rezamos: «Eu glorio-me da minha fraqueza porque nela se revela em mim a força de Cristo ... Eu posso tudo naquele que me conforta.»

7. Somos confirmados nesta consciência de missão e de vitória pela silenciosa esperança e confiança em todos os dons que Nossa Senhora nos oferece graças à Aliança de Amor. Também aqui podemos dizer: amor por amor, fidelidade por fidelidade. Se queremos amá-la o mais perfeitamente possível e nos oferecermos inteira e indivisamente a Ela como instrumentos neste sentido, Ela responder-nos-á do mesmo modo: Ego perfecte diligentes me perfecte diligo: totum pro totó! Na medida em que nos esforçarmos por realizar o nosso abandono, a nossa entrega e a nossa comunicação de amor, podemos fazer valer exigências de amor e a nossa entrega perfeita de amor à Mãe Três Vezes Admirável também pode esperar uma entrega perfeita de amor dela para conosco. Ou, aplicando aqui uma outra palavra familiar: Mater perfectam habebit curam!

- Ela dá-se a nós de maneira perfeita, dá todo o seu amor, a sua bondade, os seus cuidados e a sua fidelidade de mãe. Põe-se inteiramente a nosso serviço como Omnipotência Suplicante para se tornar de novo, em nós e por nós, Ancilla Domini.
- Ela dá-nos de maneira perfeita o seu Filho, «a luz para iluminar os pagãos e para a glória do seu povo de Israel», o Redentor do mundo que quer subjugar o mundo inteiro ao Pai. Ela implora da maneira mais profunda no Cenáculo para nós o Espírito Santo com os seus sete dons, a força que vem do alto, o Consolador e Santificador, que levará a Igreja e a Obra de Schoenstatt à vitória. Mas Ela não pode e não quer dispensar-nos das sete espadas que trespassam o seu coração. Sem sofrimento não há libertação nem redenção. A semente tem primeiro que ser enterrada na terra e morrer e depois dará muito fruto. «Quem está disposto a perder a sua vida ganhá-la-á.» Mas no seu amor de mãe, ela cuida ao mesmo tempo que o sofrimento não se torne demasiadamente pesado para nós. Ajuda-nos a suportá-lo e a fazê-lo fecundo para a Obra de Schoenstatt.
- Ela dá-nos de maneira perfeita a sua missão, que traz, em todos os sentidos, a marca característica do universalismo ou infinitismo. Como Colaboradora oficial de Jesus em toda a Obra da Redenção, como segunda Eva, ela assumiu, com o seu Esposo, a responsabilidade pela redenção do mundo. Ela, a grande antagonista do demónio que o Protoevangelho e a Apocalipse descrevem, destruirá com Ele o reino das trevas e demolirá as suas obras. A nossa medalha chama explicitamente a atenção para este facto. Ela mostra-nos a terra algemada por uma corrente em que o demónio a prendeu. A cruz e o símbolo MTA rompem vigorosamente esta corrente. Nossa Senhora precisa de instrumentos para realizar a sua missão universal. E escolheu-nos para tal. Ela quer fazer grandes coisas através de nós, se nos encontrar completamente vazios de nós próprios e nós nos esforçarmos por nos entregarmos de maneira perfeita a Ela e à sua Obra.

Por isso rezamos com todo o fervor: ... Em troca dá-me uma só coisa: A tua graça, o teu amor e a tua fecundidade. A tua graça para que eu me incline sempre com alegria diante dos teus desejos; o teu amor para que eu me creia e saiba, e, pelo menos por vezes até me sinta, amado por ti de maneira especial como a menina dos teus olhos; a tua fecundidade para que em ti e em Nossa Senhora eu me possa tornar muito fecundo para a nossa Obra comum. Então serei rico, suficientemente rico em superabundância. E não quero mais nada. Quero, pois, escrever sobre a nossa medalha a palavra: Perfecte diligentes me perfecte diligo! E neste sentido, permitam que lhe entregue solenemente a medalha:

«Aceite este símbolo como sinal do seu perfeito abandono de amor até à Inscriptio; como sinal da sua perfeita entrega de amor não só aos dois santíssimos corações, mas também à Santíssima Trindade; como sinal da sua perfeita comunicação de amor, não só para com o círculo e a sua nação, mas também para com o mundo inteiro e a criação; e como sinal das suas perfeitas exigências de amor. Tem o direito de ser usado por Nossa Senhora como obra e instrumento perfeito para a sua missão no mundo de hoje.»